



**FACULDADE MARIA MILZA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MÔNICA DA SILVA DE SOUZA

**PRÁTICA DE LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR PARA A
LITERATURA INFANTIL NO 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
ESCOLA DO SÃO JOSÉ DO ITAPORÃ, MURITIBA-BA**

GOVERNADOR MANGABEIRA - BA

2019

MÔNICA DA SILVA DE SOUZA

**PRÁTICA DE LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR PARA A
LITERATURA INFANTIL NO 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
ESCOLA DO SÃO JOSÉ DO ITAPORÃ, MURITIBA-BA**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da Faculdade
Maria Milza, como requisito parcial para a
obtenção do título de graduado.

ORIENTADORA: Profª. MSc. Simone Santana Damasceno de Carvalho

GOVERNADOR MANGABEIRA - BA

2019

Ficha catalográfica elaborada pela Faculdade Maria Milza,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bibliotecárias responsáveis pela estrutura de catalogação na publicação:
Marise Nascimento Flores Moreira - CRB-5/1289 / Priscila dos Santos Dias - CRB-5/1824

S729p

Souza, Mônica da Silva de

Prática de letramento na alfabetização: um olhar para a literatura infantil no 1º e 2º ano do ensino fundamental em escola do São Jose do Itaporã, Muritiba - BA / Mônica da Silva de Souza. - Governador Mangabeira - BA , 2019.

47 f.

Orientadora: Simone Santana Damasceno de Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade Maria Milza, 2019 .

1. Letramento. 2. Alfabetização. 3. Literatura infantil. I. Carvalho, Simone Santana Damasceno de , II. Título.

CCD 372.4

MÔNICA DA SILVA DE SOUZA

**PRÁTICA DE LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR PARA A
LITERATURA INFANTIL NO 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
ESCOLA DO SÃO JOSÉ DO ITAPORÃ, MURITIBA-BA**

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA DE APRESENTAÇÃO

Orientadora: Profª MSc. Simone Santana Damasceno de Carvalho
Faculdade Maria Milza- FAMAM

Nome do Componente
Instituição

Nome do Componente
Instituição

**GOVERNADOR MANGABEIRA-BA
2019**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pela dádiva da vida, por ser meu guia e socorro presente em momentos de lutas e de vitórias. A minha Mãe e a minha Dinda por terem sido minhas incentivadoras, a minha família materna por estarem sempre contribuindo e me dando forças de forma direta ou indireta, ao meu namorado Reginaldo (Junior) pelo carinho e apoio sempre, e ao meu afilhado Israel por trazer alegria e amor de criança em todos momentos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que sempre esteve presente, que é o mestre autor da minha vida, que proporcionou cada momento vivido, a ti Deus toda honra e glória para sempre.

À minha mãe Anatalia pelo amor de mãe, por não medir esforços para que eu chegasse até o fim da graduação, pela educação pelos incentivos, pelas lutas, por suas orações por acreditar em mim, eu agradeço.

À Dinda Luzia por sempre está presente, por ser aquela voz que sempre disse “faz pedagogia”, você não estava errada! Por me incentivar de todas as formas, por entender minhas dificuldades e não me deixar e porque mesmo em momentos difíceis não desanimar e não me deixa desanimar.

Ao meu Pai Elias, por me ajudar sempre e da sua forma, sabe se fazer presente, entendo que busca sempre o melhor para mim. Ao meu padrinho Ule, pelos puxões de orelha, buscando sempre que eu melhore, por estar sempre presente e pelo apoio.

A minha Avó (Josenita) e ao meu Avô(Alberto), por nunca medirem a dificuldade, pela batalha sempre, pelo apoio cuidado e carinho, pela educação e por sempre me incentivar e estar comigo.

Ao meu namorado Reginaldo, por estar sempre ao meu lado, pelos conselhos e conversas, por me acalantar nas horas difíceis e me impulsionar sempre, pela sua alma grandiosa, obrigada por fazer meus dias mais felizes, pelo carinho e respeito, e pelos abraços, você faz e sempre fará parte da minha história!

A toda minha família materna vocês são sensacionais, minha força, sempre presentes, vocês que não medem esforços, pelos momentos de distração, pelos incentivos e pelas críticas construtivas, mesmo com as diferenças e subjetividades obrigada pelo empenho de cada um de vocês.

A minha orientadora professora Msc. Simone Santana Damasceno de Carvalho, pelo acolhimento, pela disponibilidade, por acreditar em mim, por se esforçar ao me auxiliar nesse processo, pelas opiniões sempre construtivas e por suas reflexões. Eu agradeço pelas tardes de orientação, pelas disposições nas redes sociais, enfim, meu obrigada.

Aos professores, agradeço a todos professores que compartilharam conhecimentos, que estiveram todos dispostos sempre a ajudar, aos que me

motivaram continuar, professores vocês foram muitas vezes o impulso, aos que acreditaram no meu potencial, estiveram sempre incentivando meu melhor, aos elogios, aos professores amigos, aos professores incentivadores, todo meu carinho, essa vitória não seria possível sem vocês.

Aos amores da Famam, (Maria Cleonice, Eduardo, Josilene, Milene), trilhamos essa caminhada juntos, um incentivando ao outro, foram várias conversas, muitos conselhos, inúmeros trabalhos, puxões de orelha, só em trocar olhares já entendíamos as mensagens e principalmente muita reciprocidade.

A Jaque e a Sara, pelas orações, conversas, palavras de conforto, pelos desabaços... As colegas e amizades criadas ao longo do caminho vocês têm um lugarzinho especial no meu coração em especial Thais e Herondi.

A todos citados, a vitória é nossa, o caminho foi longo mais se tornou mais doce com o amor de todos vocês. Obrigada!

RESUMO

Com as transformações sociais exige-se cada vez mais que os sujeitos que consigam fazer o uso social da leitura e da escrita. Assim, os estudos sobre alfabetização e letramento na educação brasileira suscitaram questionamentos acerca de novas alternativas para eliminar o analfabetismo com o auxílio da prática do letramento, com finalidade de instigar um aprendizado qualificado, vistas, a leitura e escrita como práticas sociais. Nesse sentido, compreende-se a relevância de estratégias de ensino que auxiliem os alunos para que acionem o saber ativamente, atuando sobre o seu conhecimento. Diante disso, a Literatura Infantil, é um recurso que colaborem para formar leitores questionadores, instigando o potencial de proporcionar a criança meios para sua construção como leitora, assumindo junto com a alfabetização e o letramento a função de formar o ser crítico-social. Desta forma, este trabalho tem como questionamento: De que forma a Literatura Infantil tem sido utilizada no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola Municipal do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-BA? Para tanto, definiu-se como objetivo geral: Compreender de que forma a Literatura Infantil é utilizada no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano em uma escola Municipal do São José do Itaporã, Muritiba-BA. Para alcançar o objetivo referido foi adotado uma metodologia de abordagem qualitativa com objetivo descritivo. Sendo assim, o estudo constou de uma etapa com a coleta de dados na pesquisa de campo onde foi realizada a entrevista semiestruturada, relacionado ao tema da pesquisa, em que, o público alvo foram três professoras atuantes em turmas do 1º e 2º ano do ensino fundamental, no Distrito de São José do Itaporã, em Muritiba-Ba. Neste estudo concluiu-se a partir das falas de duas das três professoras que foram entrevistadas que a Literatura Infantil compreendida e utilizada como estratégia de ensino na fase da Alfabetização e Letramento, proporciona ao aluno uma aprendizagem crítica, instigadora, sendo auxiliadora na leitura e escrita do sujeito ativo socialmente, apto a exercer a cidadania, tornando-se consciente da sua realidade, tendo possibilidades de transformação da mesma, no entanto, ficou evidente por uma das entrevistadas que a mesma não utiliza em sua prática pedagógica do potencial que a Literatura Infantil oferece no desenvolvimento do aluno enquanto leitor, crítico, reflexivo e questionador, ficando explícito por meio da sua fala a ênfase as estratégias ligadas a brincadeiras e músicas, ficando em última opção o uso da Literatura Infantil.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Literatura Infantil.

ABSTRACT

With social transformations it is increasingly necessary that subjects who can make the social use of reading and writing. Thus, studies on literacy and literacy in Brazilian education have raised questions about new alternatives to eliminate illiteracy with the help of literacy practice, in order to instill a qualified learning, views, reading and writing as social practices. In this sense, it is understood the relevance of teaching strategies that help students to activate knowledge actively, acting on their knowledge. In view of this, Child Literature is a resource that collaborates to train questioning readers, instigating the potential of providing the child with the means to construct it as a reader, assuming literacy and literacy as the function of forming a critical-social being. In this way, this work has as a question: How has Children's Literature been used in the literacy and literacy process of students in the 1st and 2nd year of elementary school in a municipal school in the district of São José do Itaporã, Muritiba-BA? Therefore, it was defined as a general objective: To understand how Child Literature is used in the literacy and literacy process of 1st and 2nd year students in a Municipal School of São José do Itaporã, Muritiba-BA. To reach the mentioned objective, a qualitative approach was adopted with a descriptive objective. Thus, the study consisted of a stage with data collection in the field research where the semi-structured interview was conducted, related to the research theme, in which the target audience were three teachers working in classes of the first and second year of teaching in the district of São José do Itaporã, in Muritiba-Ba. In this study, it was concluded from the statements of two of the three teachers who were interviewed that the Children's Literature understood and used as a teaching strategy in the Literacy and Literacy phase, provides the student with a critical, instigating learning, being an assistant in reading and writing of the socially active subject, able to exercise citizenship, becoming aware of their reality, having possibilities of transforming it, however, it was evident by one of the interviewees that the same does not use in its pedagogical practice the potential that Children's Literature offers in the development of the student as a reader, critical, reflective and questioning, being explicit through his speech the emphasis on strategies linked to play and music, being the last option the use of Children's Literature.

Keywords: Literacy. Literacy. Children's literature.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Perfil das participantes da pesquisa.....	27
Quadro 2 Recursos metodológicos utilizados no processo de Alfabetização e Letramento.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFLEXÕES SOBRE PRÁTICA DE LETRAMENTO E A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	13
2.1 REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO.....	13
2.2 ESTRATÉGIAS DE ENSINO E A PRÁTICA DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DE SABERES	17
2.3 A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO.....	20
3 A LITERATURA INFANTIL NA PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	26
3.1 PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA	26
3.2 CONCEPÇÕES DAS DOCENTES SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO ÂMBITO DA LITERATURA INFANTIL.....	28
3.3 A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE NOS DOIS CONTEXTOS DA PESQUISA.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	45

1 INTRODUÇÃO

Com a revolução tecnológica exige-se cada vez mais que o sujeito além de ler e escrever saiba fazer o uso social dessa prática. Nesse sentido, compreende-se a necessidade da escola adequar-se a essa realidade, tendo em vista que o processo de escolarização no Brasil ao longo de sua história foi marcado por práticas de alfabetização pautadas na aquisição mecânica do ato de ler e escrever, formando sujeitos funcionais, reféns daqueles que conseguiram superar essas limitações tornando-se um sujeito crítico e ativo socialmente.

Assim sendo, os estudos sobre alfabetização e letramento no cenário da educação no Brasil implicaram em discussões sobre novas alternativas para erradicar o analfabetismo em conjunto ao letramento, com intuito de instigar uma prática qualificada de leitura e escrita, vistas como práticas sociais.

Contudo, buscando superar as práticas tradicionais no ensino da leitura e da escrita, foi concebida então, alterações na forma de conceber a alfabetização a qual anteriormente era amparada por métodos elaborados para atuação do educador, vendo o mesmo como o ser detentor do conhecimento, volta-se então, para uma aprendizagem focada na aquisição da leitura e da escrita vinculada ao contexto social a partir de estratégias que colaboram para que os alunos processem esse saber ativamente, sendo concebida então como um processo de construção da aprendizagem de um sujeito que atua sobre o seu objeto do conhecimento.

Em face dessas considerações, é importante salientar que um sujeito alfabetizado não é necessariamente letrado, o processo de letramento começa a partir do momento que a criança adentra no mundo escrito, do conhecimento acerca do sistema convencional da escrita, pela compreensão desses códigos e pelo convívio com pessoas que instigam essa aprendizagem, desenvolvendo assim as habilidades que levam as práticas sociais, as quais, envolvem esses sujeitos. A alfabetização e o letramento em consonância, tem como papel promover sujeitos pensantes, e a literatura é um recurso que potencializa o aprendizado dos sujeitos que estão nesse processo de conhecimento do mundo letrado.

Desse modo, trabalhar a Literatura Infantil na escola é essencial para que a criança adentre no mundo letrado antes de saber graficamente a leitura e a escrita, desenvolvendo práticas orais, formação de decisões, interprete seu meio de interação

social, permitindo que a criança assimile novos conceitos de forma interativa, desenvolvendo a imaginação, reflexão e criticidade no sujeito.

Desta forma, a presente pesquisa intentou discutir sobre a prática de letramento na alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano do ensino fundamental tendo em vista a utilização da Literatura Infantil como parte desse processo. Assim sendo, a pesquisa intitulada: “Prática de Letramento na Alfabetização: um olhar para a Literatura Infantil no 1º e 2º ano do ensino fundamental em escola do São José do Itaporã, Muritiba-Ba”, Para tanto, buscou-se responder, a seguinte questão: De que forma a Literatura Infantil tem sido utilizada no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola Municipal do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-BA?

Definiu-se portanto, como objetivo geral: Compreender de que forma a Literatura Infantil é utilizada no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola Municipal do São Jose do Itaporã, Muritiba-BA. E como objetivos específicos: a) Identificar as concepções teóricas de alfabetização, letramento e literatura infantil dos professores sujeitos da pesquisa; b) Verificar quais estratégias tem sido utilizadas pelos professores para alfabetização e letramento no âmbito da Literatura Infantil.

Desta forma, sendo a alfabetização um dos processos mais importantes da vida escolar do sujeito em formação social e por considerar que a utilização da literatura infantil na prática do professor alfabetizador, como metodologia ativa de ensino critico, reflexivo é de extrema relevância na formação do sujeito, pensou-se neste objeto de estudo.

A referida pesquisa é socialmente importante, pois poderá contribuir para ressignificação de práticas tradicionais de estratégias de codificação e decodificação ainda presentes no processo de alfabetização, tendo a literatura infantil como um recurso metodológico, além de colaborar teoricamente para estudantes dos Cursos de Pedagogia, coordenação pedagógica e atuantes da área da educação.

O percurso metodológico traçado para o alcance dos objetivos propostos conduziu-se em uma abordagem de cunho qualitativa, pois entende-se aqui as particularidades de cada indivíduo envolvido na pesquisa, compreendendo que existem diversas formas de interpretações baseados no sujeito que tem valores, pensamentos, reflexões, entre outros. Com objetivos descritivos buscou-se a

descrição de uma determinada mostra de pesquisa entendendo suas variáveis e subjetividades.

Assim, o *lócus* da pesquisa foi uma escola municipal localizada no Distrito do São José do Itaporã, pertencente à cidade de Muritiba-Ba, os sujeitos da pesquisa são três professoras atuantes no 1º e 2º ano do ensino fundamental, por estarem nas classes de alfabetização. Para possibilitar a coleta de informações foi feito uma pesquisa de campo, com o intuito de uma maior aproximação com o objeto de estudo em questão.

Deste modo, para coleta de informações foram feitos um questionário contendo perguntas referentes ao perfil dos participantes do estudo, e entrevista contendo nove perguntas semiestruturadas identificando as concepções que os professores sujeitos da pesquisa possuem sobre alfabetização, letramento e Literatura Infantil, o modo de como utilizam a mesma e suas intencionalidades, no intuito de verificar as estratégias que os professores utilizam para alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental no âmbito da Literatura Infantil. A fim de preservar a ética da pesquisa os nomes dos participantes não foram divulgados, sendo os mesmos codificados em PA, PB e PC.

As informações coletadas foram analisadas qualitativamente e dessa forma, a pesquisa foi estruturada em três capítulos, sendo o primeiro capítulo da introdução, o segundo capítulo referente a Reflexões sobre a Prática de letramento e a Literatura Infantil no processo de alfabetização, este capítulo conta com três subcapítulos, abordando as reflexões sobre letramento e alfabetização, as estratégias de ensino e a prática docente na construção de saberes, e a Literatura Infantil no contexto da alfabetização.

No terceiro capítulo são considerados os resultados encontrados na pesquisa através da discussão das informações obtidas, assim discorre-se acerca do perfil dos participantes da pesquisa, suas concepções de alfabetização e letramento e a Literatura Infantil como parte desse processo no contexto do 1º e 2º ano do ensino fundamental. Posteriormente foram apresentadas algumas considerações a partir dos resultados obtidos na pesquisa.

2 REFLEXÕES SOBRE PRÁTICA DE LETRAMENTO E A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Neste capítulo será apresentado o referencial teórico desta pesquisa, no primeiro momento, será feita uma reflexão sobre o Letramento e Alfabetização, por sequência, será apresentado as estratégias de ensino e concepções subjacentes a mesmas, e por fim será abordado a Literatura Infantil como um instrumento de Letramento e Alfabetização.

2.1 REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

No final do século XVIII, com as mudanças socioeconômicas, a escola passou a ser controlada pela alçada pública, tornando-se universal e gratuita, tendo como principal função ensinar a crianças de forma rápida e econômica, educando a massa, sendo controlada pela classe burguesa. Nesse contexto, emerge a alfabetização tendo como foco uma aprendizagem para leitura e escrita de forma rápida e coletiva. Moreira e Rocha (2013, p.28) respalda que, “[...]a escola [...], estando sob o controle do poder público, amparada por legislações. Passou a ser função do mestre ensinar a muitas crianças de forma rápida, segura e econômica”.

Seguindo os modelos internacionais, no Brasil, em meados do século XIX, a alfabetização visava o crescimento da mão de obra, para fortalecer a economia e o desenvolvimento da industrialização aumentando assim os índices de sujeitos a margem social.

“Segundo Foracchi, a marginalidade deve ser entendida como um sistema de carências e, para fins interpretativos, como um suporte de um sistema de dominação inerente ao capitalismo” (CAMPOS,2015, p.27)

Com as transformações sociais era necessário repensar alfabetização e assim foram sendo criados termos a partir de 1980, um desses foi a concepção de alfabetização funcional, criada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, o qual tem por concepção, o sujeito letrado, aquele sujeito que não sabe só ler e escrever, mais sim compreender e fazer uso da mesma.

[...] a difusão da alfabetização garantiu, então, a expansão de uma certa modalidade de leitura à grande maioria do corpo social, ao mesmo tempo que permitiu a uma minoria da população ascender à categoria de leitor

qualificado, pela adoção da leitura como prática familiar e social, ou mesmo pelo prolongamento da escolaridade (BARBOSA,1994, p.30, apud, MOREIRA; ROCHA, 2013,p. 29-30).

Tendo por pressuposto que a escrita se dá a partir do processo ouvinte da criança, constituindo assim a linguagem da mesma, entende-se que a escrita e a formação para a mesma dá-se em processo contínuo mediante a interação social.

[...] a constituição da linguagem escrita pela criança: faz parte do processo geral de constituição da linguagem (Abaurre, 1988); e se dá como um trabalho contínuo de elaboração cognitiva por meio da inserção no mundo da escrita pelas interações sociais orais da criança[...] (GOULART,2006, p. 451)

Diante disso, a sociedade contemporânea então requer para além da aprendizagem do sistema convencional alfabético-ortográfico, criando nesse contexto o “alfabetizar letrando”, assegurando aos alunos desde a alfabetização, práticas ativas sobre a leitura e a escrita, pois, mesmo com conceitos distintos, entende-se aqui, que o letramento e a alfabetização não são totalmente desvinculados, com a junção dos mesmos existe a ampliação dos conhecimentos vinculado às práticas sociais.

[...] letramento diz respeito à imersão do indivíduo na cultura escrita, à sua participação em eventos diversos que envolvem a leitura e a escrita, bem como ao contato e à interação com diferentes tipos e gêneros textuais. Já a alfabetização envolve o processo da consciência fonológica e fonêmica, a construção das relações som e letra e o aprender a ler e a escrever alfabeticamente (SOARES, 2004, apud, MOREIRA; ROCHA, 2013, p.27).

Pensar em alfabetização atualmente, é lidar com o novo, com a tomada do conhecimento, sabe-se que já não basta ser alfabetizado como uma forma de conhecer a representação alfabética, mesmo sendo a escrita uma reprodução gráfica. Desta forma, de acordo com Ferreiro (2001, p. 10) “A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. A autora ainda afirma que,

[...] se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como uma aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual (FERREIRO, 2001, p.16).

Desse modo, o processo de aprendizagem requer uma diferenciação entre os elementos, o que torna a codificação algo posto de forma a não ser alterada. “[...] no caso da codificação, tanto os elementos como as relações já estão predeterminados:

o novo código não faz encontrar representação diferente [...]” (FERREIRO, 2001, p.12).

O objetivo do termo alfabetização é transmitir ou ensinar os sinais gráficos, tendo por finalidade que o sujeito-aluno alfabetizado saiba ler e escrever. Nesse olhar, alfabetizar é tido como ensinar os códigos gráficos para o conhecimento das palavras, designando então o conhecimento da aquisição da língua escrita e falada, é então dominar a mecânica da língua, adquirindo então uma habilidade de codificar a língua oral e decodificar a língua escrita.

[...] se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como uma aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual (FERREIRO, 2001, p.16).

Sendo visto também por Soares (2013), como o processo de aprender e compreender os significados e expressões da língua, entendendo então o mundo através da leitura e da transcrição escrita dessa compreensão. Compreende-se dessa forma, “[...]alfabetização em seu sentido próprio específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura escrita” (SOARES,2013, p.15).

Soares, (2013, p.16) apresenta também um outro olhar, “Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e virse-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito”.

Mesmo a alfabetização apresentando essas duas facetas, entende-se que o processo e o conceito de alfabetizar é direcionado também pelo “aspecto social”, cada comunidade específica terá seu direcionamento educacional, baseando-se em aspectos que são externos ao ambiente escolar, cada sociedade adequará seus alunos ao nível de necessidade e especificidade do seu local, por questões particulares como economia, costumes entre outros aspectos.

Esse terceiro ponto de vista, ao contrário dos dois primeiros, que consideram a alfabetização como um processo *individual*, volta-se para o seu aspecto *social*: a conceituação de alfabetização não é a mesma em todas as sociedades. O conceito de alfabetização depende, assim, de características culturais, econômicas e tecnológicas [...] (SOARES, 2013, p.17)

No entanto, o letramento nem sempre vai está diretamente ligado à alfabetização, segundo Guolart (2006) o mesmo está mais ligado às práticas

discursivas e interpretativas do sujeito e, portanto, o letramento direciona-se a “cultura letrada” não significando está absolutamente ligada a leitura e escrita, as práticas de ler e escrever dar-se-á com a relação verbal.

Acredita-se que a criança adentra na escola com conhecimentos sociais, porém ainda sem domínio da gramática normativa, uns estarão mais próximos à linguagem formal outros com menor aproximação, derivada das especificidades citadas no parágrafo anterior, compreendendo neste sentido a importância da escola ser articulada com a comunidade, auxiliando no processo da alfabetização.

Sendo assim, “[...] pode-se concluir que a alfabetização é, como se disse inicialmente, um processo de natureza complexa. Trata-se de fenômeno de múltiplas facetas que fazem dele objeto de estudo de várias ciências” (SOARES, 2013, p.21).

Nesta perspectiva, Silva (1998) em seu estudo acredita que a alfabetização é uma prática social, a qual o professor deve estar empenhado e bem preparado, pois as aulas de alfabetização muitas vezes são direcionadas a recém formados por serem vistos como engajados, sendo que esses profissionais devem se dedicar ainda mais para terem bons resultados por não possuírem prática.

Outro aspecto que Silva (1998, p.50) faz crítica é da concepção que “o aluno alfabetizado é o aluno leitor”, segundo o autor, o aluno deve ter criticidade e reflexão e a alfabetização não se resume ler e escrever, mais sim a compreender os fatores, é a atuação do sujeito, são os discursos e interações sociais do aluno.

A Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL, 2018) na etapa do Ensino Fundamental nos anos iniciais, defende que a alfabetização deve garantir aos alunos oportunidades frente à literatura proporcionando aos sujeitos a leitura e a escrita compreendendo as práticas do letramento promovendo experiências para o desenvolvimento do aluno entendendo seu contexto, fortalecendo sua autonomia, a capacidade interpretativa, instiga questionamentos, servindo de estímulo para a criticidade e criatividade do aluno.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2018, p.57)

Conclui-se portanto que o letramento no Brasil dá-se em conjunto com a alfabetização, pois um processo não está desassociado do outro, o ser alfabetizado deve então ser habilitado aos sinais gráficos normativos da língua oral, escrita e suas

utilizações, indo além, o sujeito que é também letrado é capaz de fazer interferências no seu meio cultural a partir dessa nova leitura de mundo, utilizando das suas habilidades com consciência social. Ver-se então, que para um sujeito letrado-alfabetizado, a leitura e a literatura infantil é indispensável no processo de exercício da prática transformadora e emancipatória.

2.2 ESTRATÉGIAS DE ENSINO E A PRÁTICA DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DE SABERES

A escolha das estratégias de ensino por parte dos docentes e as concepções que estão subjacentes a essas táticas são fundamentais para a formação de cidadãos críticos, participativos e ativos socialmente na construção de saberes.

Entende-se então a necessidade de estratégias de ensino como meios para explorar condições disponíveis para alcançar seus objetivos específicos. Esse processo envolve um conjunto de conhecimentos sobre o que se quer alcançar, entendendo que todo conteúdo tem um fundamento coerente e uma forma apropriada para ser compreendido pelos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, “Estratégias: do grego *estrategía* e do latim *strategia* é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis com vista à consecução de objetivos específicos” (ANASTASIOU, 2007, p.2). Sobre os conteúdos a autora respalda,

Não se trata apenas de um conteúdo, mas de um processo que envolve um conjunto de pessoas na construção de saberes – seja por adoção ou por contradição. Conforme já dito, todo conteúdo contém em sua lógica interna, uma forma que lhe é própria, e que precisa ser captada e apropriada para sua assimilação (ANASTASIOU, 2007, p.2).

Nos primórdios da alfabetização, segundo Frade (2007), os principais métodos eram o “*alfabético ou de soletração*”, acabando por minimizar-se em codificação de sinais, era ensinado à criança as letras e seus sons, após, aprendia as junções das consoantes com as vogais numa sequência de decoração das mesmas, sem que os sujeitos compreendessem “o que as letras representavam”, neste sentido, a estratégia de ensinagem era cantar e memorizar as letras e sílabas.

Percebe-se, que o método anterior não deu tantos resultados, “nascendo” o método fônico, que de acordo com Frade (2007, p. 23) é o primeiro a tratar a “relação

da fala com a escrita como base conceitual contida em nosso sistema alfabético de representação”.

Assim sendo, esse método inicialmente apresenta as vogais com o auxílio das imagens e formas, estabelecendo a relação com os sons, da mesma forma são mostradas as consoantes e então os sujeitos entendiam que cada letra tem um som e junto com outras letras formam as palavras, e esse é considerado um dos primeiros métodos que conciliam som, escrita e leitura.

Ao longo dos anos tanto a pedagogia, quanto a alfabetização não se ateve ao ensino simplista, mesmo estratégias enfatizando o professor como centro do conhecimento, via-se também a necessidade de auxiliar o aluno no aprender com maior aproveitamento.

[...]e apesar da utilização de estratégias que provocam distanciamento, a pedagogia veio criando várias estratégias para recuperação do significado, seja associando a apresentação das letras a uma história, seja criando jogos e brincadeiras para tornar menos dolorosa esta análise (FRADE, 2007, p.25)

Faz-se necessário então a difusão dos métodos de ensino, explicitados por Ferreiro e Teberoski, traduzido para o Brasil em 1999, com a obra Psicogênese da Língua escrita, a qual é considerada o marco da alfabetização, centrando agora os métodos de ensino voltados para a como o sujeito (criança) aprende e não mais como o professor ensina.

A partir de então, abriu-se uma discussão entre os métodos sintético e analítico. O primeiro visa a melhor correspondência entre o código oral e escrito, partindo então das partes da palavra para o todo. E o segundo propondo do todo que é a palavra para as partes menores. Nesse sentido,

A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do ‘melhor’ ou ‘mais eficaz’ deles, levantando-se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos *sintéticos*, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos *analíticos*, que partem da palavra ou unidades maiores [...] (FERREIRO E TEBEROSKY 1999. p.21)

Contudo, existe ainda a subdivisão entre a metodologia tradicional, ou metodologia dialética. A primeira refere-se a ação da educação utilizada como decodificação ou como memorização dos conteúdos, a segunda requer instigação, investigação, questionamentos, possibilitando ao sujeito a autonomia sobre os conteúdos. Cabe então, ao professor adequar as suas aulas acreditando que deve ser um estrategista que saiba utilizar da melhor forma os recursos, proporcionando o

letramento, ou seja, proporcionando aos educandos um olhar crítico sobre a realidade preestabelecida socialmente. Assim,

[...]na metodologia tradicional, a principal operação exercitada era a memorização; hoje, esta se revela insuficiente para dar conta do profissional que a realidade necessita. Na metodologia dialética, como já discutido, o docente deve propor ações que desafiem ou possibilitem o desenvolvimento das operações mentais; para isso organiza os processos de apreensão de tal maneira que as operações de pensamento sejam despertadas, exercitadas, construídas, flexibilizadas pelas necessárias rupturas, através da mobilização, da construção e das sínteses, a serem vistas e revistas, possibilitando ao estudante sensações ou estados de espírito carregados de vivência pessoal e de renovação (ANASTASIOU, 2007, p. 2).

As estratégias de ensino- aprendizagem dialética, contudo, reforçam a tomada das práticas sociais, entendendo pois, a participação conjunta entre aluno- professor para elaboração do conhecimento, compreendendo que é necessária a implementação de estratégias e metodologias ativas, apreendendo uma nova prática de atuação em sala de aula sendo concebida a partir da interação coletiva dos sujeitos envolvidos no processo escolar.

O professor nesse processo deve ser atencioso para não continuar nas práticas mecanizadas, as quais levam em consideração apenas as ideias passadas pelas literaturas conhecidas, não abrindo espaços para as curiosidades e os diversos pontos de vista que os alunos apresentam, tornando a educação um processo de passividade onde o professor é o autor.

Neste caso, os processos de memorização de conteúdos prefixados – que são determinados pelos textos e reforçados pelos professores – tomam o lugar do conhecimento, do questionamento, da discussão e crítica das ideias veiculadas, impedindo que o aluno-leitor se torne sujeito do trabalho que executa (SILVA, 1998, p. 4)

Entre as diversas estratégias de ensinagem, vê-se que a alfabetização não se dá pelo método por si só, sim pela forma que o professor conduz essa prática, o professor que tem boas condições de trabalho, o qual busca o conhecimento, fazendo uso de diversas leituras e aproveita as positivities do(s) método(s), as possibilidades de formação do sujeito alfabetizado letrado e crítico.

Para Silva (1998, p. 49), “[...] não é o método todo em si, mas sim o *professor e o uso que ele faz do método*, [...] para o encaminhamento do processo de alfabetização e de leitura na escola”.

Diante do exposto, destaca-se a seguir, à relevância da Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento no ensino fundamental como uma das

estratégias de ensino, cujo objetivo é a união entre todos envolvidos no processo e a formação de sujeitos críticos reflexivos, ativos socialmente.

2.3 A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO

A Literatura Infantil começa a se difundir a partir do momento em que a escolarização começou a ser obrigatória, no momento em que a alfabetização era vista por todas as camadas sociais como um avanço para a sociedade como um todo nas suas diversidades, dando lugar, então a preocupação com a literatura para o público infantil.

Nesse aspecto, em seus estudos, Colomer (2003, p.23) pontua, “Na primeira mudança do século havia terminado de estabelecer-se a escolaridade obrigatória nos distintos países de nossa órbita cultural e havia começado, portanto, a progressiva alfabetização de todas camadas sociais.”

No entanto, as escolas ainda utilizavam formas mecanizadas de ensino com as cartilhas, porém, os bibliotecários tiveram a preocupação com a formação da criança que seria alfabetizada, pois entendiam a leitura com “*um ato livre aos cidadãos*”, então, as crianças deveriam ter livros voltados à sua necessidade. Respalado por Colomer (2003, p.23), “[...] foi nos meios bibliotecários que se iniciou o discurso moderno sobre a leitura como um ato livre dos cidadãos”.

A partir desse momento foi provocado vários estudos sobre a literatura infantil, pois anterior a esse momento da história as crianças não eram tão vistas, e agora era necessário estudar o que esses sujeitos necessitavam, o que os livros deveriam ofertar e como seriam esses livros, assim sendo, “a necessidade de definir critérios para selecionar os livros [...] provocou os primeiros estudos sobre a literatura infantil [...]” (COLOMER, 2003, p 23).

Nesses diversos estudos que foram realizados ao longo dos anos, vários países foram adquirindo a Literatura Infantil por acreditarem na capacidade dos livros infantis, a partir disso, passou-se a receber apoios de dimensão internacional, para incentivo a Literatura Infantil. Colomer (2003, p.26) afirma que, “Os estudos e iniciativas de difusão dos livros infantis se desenvolvem também a partir de interesses profissionais mais amplos que os estritamente bibliotecários”.

Com o passar dos anos e os avanços sociais, a Literatura Infantil agora é tida como uma prática ativa de formar leitores questionadores, instigando a percepção do mundo, proporcionando a criança meios para sua construção como leitora, assumindo a função junto com a alfabetização e o letramento de instigar o ser crítico-social, desenvolvendo a consciência crítica e leitora. Assim sendo,

[...] a criança e a literatura infantil compartilham da mesma natureza – ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras – e essas afinidades fazem com que seja a literatura infantil o mais poderoso aliado do professor e da criança pela vida afora, na busca da compreensão do mundo e do ser humano (FRANTZ, 2005, p. 16).

Compreende-se que, a prática de ler nas escolas forma sujeitos leitores, entendendo que a leitura na sociedade que vivemos é de extrema importância para exercício da cidadania, acreditando na formação de sujeitos atores da sua própria história, compreendendo assim a importância do professor alfabetizador como sujeito que promove, instigar e incentivar da leitura desde os anos iniciais.

Assim, se o professor das séries iniciais tiver sucesso em iniciar seus alunos pelos caminhos da leitura através da literatura infantil, e a esse trabalho for dada continuidade pelos professores das etapas seguintes, temos certeza de que a escola brasileira conseguirá dar um grande salto de qualidade e o professor alfabetizador bem como os demais terão cumprido da melhor forma a sua missão de educadores (FRANTZ, 2005, p. 14).

Neste ponto de vista, a Literatura Infantil detém a função da promoção da criticidade, dando à criança um posicionamento diante da realidade, demonstrando o que pensa, o que sente ou o que almeja, desenvolvendo, assim, a consciência emocional e social deste indivíduo, agindo no sentido da ampliação do pensamento e da humanização, incentivando assim a prática das relações sociais.

A escola tem, portanto, um compromisso maior que é propiciar ao sujeito o desenvolvimento da sua capacidade de leitura do mundo. Assim, uma educação que se queira libertadora, humanizante e transformadora passa necessariamente pelo caminho da leitura. (FRANTZ, 2005, p.21)

Assim, Abramovich (1997, p. 16) reforça a ideia sobre a importância da leitura quando exclama, “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta do mundo[...]”

Dessa maneira, a Literatura Infantil utiliza-se do vocabulário de acordo com a capacidade imaginativa da criança, o que acarreta a curiosidade, o gosto pela leitura, a familiaridade com o sistema escrito e oral, desenvolvendo a compreensão dos

sentimentos e emoções que os rodeiam. Assim, para um leitor sendo ele criança, é de extrema importância que a prática docente esteja ligada à literatura de forma questionadora e instigadora, pois, reflete o poder imaginário no mundo real, não limitando o sujeito a reprodução da realidade ou da linguagem do seu cotidiano.

É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões [...]. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

O que leva o sujeito ser cativado por um texto é exatamente a identificação do mesmo por algo que é encontrado dentro dessa história, principalmente um personagem que lembre algo que ele vive ou algo que ele sonha para si. Colocando assim a imaginação do sujeito e a criatividade em foco, entendendo que a partir do momento que a criança se encontra dentro do texto ela irá desenvolver esquemas, conscientes ou não, para demonstrar o que está sentindo.

Assim, Amarilha (2006, p.53) afirma que, “nessa ótica, o papel do leitor e as experiências que vivencia quando lê são partes constitutivas da estrutura e do sentido que atribui ao texto”.

Na mesma perspectiva Frantz (2005) adverte que ler é dar sentido ao que está ao redor, saber somente decifrar sinais não basta, o leitor precisa entender e dar significado. A autora ainda pontua que a leitura torna o homem autor da sua história, um ser capaz de interagir com a realidade, quanto mais o sujeito é leitor mais possibilidades de convencimento ele terá, ele não se torna um refém do meio, mas sim um ser ativo e crítico. Vista desse modo, a leitura “assume função crítica e social muito importante, dando ao homem direito à opção, a um posicionamento próprio diante da realidade” (FRANTZ, 2005, p. 20).

A leitura na sala de aula, na escola, deve ser vista como uma conquista que promove a prática social, é a libertação das ideias. Os seres humanos são históricos e constituem-se de historicidade, e a leitura abre portas para a compreensão profunda da sua realidade. Com isso, Silva (1998, p.XII) expressa que, “Os homens estabelecem novas formas de convivência social quando se situam no *horizonte das conquistas*”.

A escola desta forma assume o compromisso de possuir além de bibliotecas paradas, com livros que condizem apenas com o que uma minoria majoritária defende, o papel de incentivar os sujeitos, professores e alunos, com títulos que mostrem as faces da leitura, não privando os sujeitos a uma só realidade ou uma só visão.

Sem livros, pratica-se no Brasil um ensino livresco. Na caracterização aqui dada, o ensino livresco é autoritário, mistificador da palavra escrita, a que se atribui uma só leitura, obedecendo cegamente aos referenciais dos autores e reproduzindo mecanicamente as ideias captadas nos textos tomados como fins em si mesmos (Silva, 1998, p. XIII).

O sujeito que tem contato com a literatura, bem como com a literatura infantil, o qual foi incentivado a transformar e ser crítico, não contém-se com respostas prontas, anseiam cada vez mais por leituras diversificadas, tornando-se sujeitos sociais, conscientes. O professor nesse sentido, precisa de incentivos e aparatos governamentais para auxiliar a educação emancipatória. Desta forma, “Não se forma um leitor com uma ou duas cirandas e nem com uma ou duas sacolas de livros, se as condições sociais e escolares, subjacentes à leitura, não forem consideradas e transformadas” (SILVA, 1998, p 21).

A BNCC (BRASIL, 2018), no Eixo Leitura, entende não somente o texto com palavras, mais a estética das imagens dos movimentos, para as relações do sujeito com a leitura e a aprendizagem com práticas de reflexão. O Eixo Leitura ressalta também que o leitor possui diversas capacidades como a discussão e atuação na vida social e pública, abrindo espaço para imensas possibilidades de participação e interação do sujeito como um ser capaz de inferir no seu meio de convivência.

O **Eixo Leitura** compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2018, p.69).

A BNCC compreende ainda a relevância das práticas contextualizadas, das expressões, da participação do sujeito e entende a importância do gênero está de acordo com a faixa etária do sujeito. Deste modo a base nacional destaca as habilidades no Eixo Leitura,

[...] da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o

cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente (BRASIL,2018, p.73).

Compreende-se então que por ter a Literatura Infantil um caráter lúdico, instigante, quando trabalhada pelo professor como uma estratégia de ensino, tendo o cuidado de reservar um espaço em que as crianças desfrutem todas as possibilidades formativas que esse tipo de leitura oferece e de não romper com o momento de fantasia da criança.

Assim, o processo de aquisição da leitura e da escrita dos alfabetizandos precisa ser motivado por estratégias que se aproximam da natureza lúdica do ser criança. Nesse sentido é salutar acrescentar que,

A contação de histórias estimula vários sentidos: seu estilo singular pode mostrar a criança uma nova gramática da comunicação sem regras fixas unindo, dessa forma, o verbal, o imaginário e o sensorial. Sendo assim, a literatura infantil instiga sentidos, auxilia o desenvolvimento emocional e cognitivo: é o universo lúdico rompendo os obstáculos da aprendizagem (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 77 apud SANTHIAGO, 2018, p.63).

Segundo por Frantz (2005, p. 15) “Muitas vezes o professor tem consciência disso tudo, mas se sente impotente, despreparado, sem recursos para fazer esse trabalho.” A autora continua afirmando que, “O ponto de partida é sempre um professor-leitor com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que através do seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar seu aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura.”

O professor-alfabetizador tem autonomia para explorar a literatura infantil na sua sala de aula, de forma a utilizar as leituras infantis conforme a faixa etária dos seus discentes, utilizando a brincadeira, a fantasia, os questionamentos, por que a criança utiliza de questões para explorar a realidade e construir seus conhecimentos. Assim sendo, Frantz (2005, p.15)

[...] o professor deverá ter o cuidado de fazer dessas experiências de leitura algo realmente prazeroso, gratificante para a criança. Caso quiser prolongar o prazer dessa leitura ou explorá-la sob outros ângulos, cuidará de propor atividades lúdico-artísticas afinadas com o texto literário infantil [...]

A cultura escolar nem sempre está aberta a essa leitura de forma prazerosa, no entanto quando o ambiente escolar adere essa prática, a criança consegue ver a escola com um olhar cheio de significados, muda sua visão da cultura escolar como

algo monótono para a positividade daquele ambiente, promovendo o conhecimento do sujeito criança.

Assim, Amarilha (2006, p.29) afirma que “quando colocamos a narrativa na escola através do contador/ leitor de histórias, mudamos a história da escola. Mudamos a relação da criança com a cultura escolar [...]”.

A forma como o narrador entona a voz, faz gestos permite a experiência de envolver os sujeitos ouvintes, permitindo a atenção e imaginação livre das crianças para potencializar a oralidade e, por consequência, a escrita do sujeito aluno.

Esse momento transitório e único, tece laços de solidariedade, cumplicidade; atrai indivíduos a se tornarem membros daquela comunidade [...] e esse limite acústico os une, historicamente, pela voz narrante. Nesse processo, a oralidade que se manifesta é de alta significação[...] (AMARILHA, 2006, p. 28)

Para que a literatura infantil tenha significação, nesse sentido, ao contar a história é interessante que o narrador deixe a criança imaginar, contando-lhes poucos detalhes dos personagens, assim é instigado o poder de criar as próprias imagens do que está sendo contado, o professor deve também saber utilizar das entonações, para que a história torne-se viva e criativa, valorizando a leitura para assim incentivar a criança não só a ouvir, mas também a ler e dá sua própria interpretação, valorizando então a imaginação, a criticidade e reflexão da criança, incentivando de forma ativa a leitura e a escrita em conjunto com o gosto pelos livros infantis.

3 A LITERATURA INFANTIL NA PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa de campo, a fim de identificar de que forma a Literatura Infantil tem sido utilizada na prática de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental e qual a sua relevância para a formação desses estudantes, firmando as análises e discussões traçadas no presente capítulo, elaboradas a partir das informações coletadas em campo comparados ao referencial teórico já estabelecido no capítulo anterior.

3.1 PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

A fim de identificar o perfil dos professores envolvidos na pesquisa e as concepções dos mesmos sobre a Literatura Infantil como instrumento e estratégia metodológica no contexto do letramento na prática da alfabetização, utilizou-se como instrumento de coleta de informações, dois roteiros de entrevista semiestruturada, contendo seis (06) perguntas no roteiro do perfil docente e nove (09) perguntas no roteiro das percepções docentes sobre Prática de Alfabetização e Letramento no âmbito da Literatura Infantil. As entrevistas envolveram perguntas sobre o perfil profissional, dados sobre a formação dos sujeitos investigados, tempo de atuação docente, percepções sobre o processo de alfabetização e associação entre conhecimentos da formação inicial e práticas de alfabetização e letramento, as quais foram direcionados a três professoras de uma escola pública da zona rural de Muritiba-BA em São José do Itaporã que funciona nos turnos matutino e vespertino.

Esta pesquisa pautou-se nas turmas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, sendo três turmas do 1º ano que funcionam no turno matutino e três turmas do 2º ano que funcionam no turno vespertino. As três turmas do 1º ano do turno matutino contam com um quantitativo de 61 alunos matriculados, subdivididos da seguinte forma: 1º A, (20), no 1º B, (20) e no 1º C (21), enquanto que as três turmas do 2º ano do turno vespertino contam com um total de 70 alunos matriculados, no 2º A, (23) no 2º B, (23) e no 2º C (24), totalizando 131 alunos matriculados.

Assim, foi traçado o perfil dos participantes da pesquisa e para fins da preservação da identidade dos mesmos, será utilizado os códigos: Professora A (PA), Professora B (PB) e Professora C (PC) conforme descrito no quadro 1:

Quadro 01: Perfil das participantes da pesquisa

Código	Idade	Gênero	Tempo de atuação docente	Formação dos docentes	Descrição
PA	40 a 50	Feminino	+ 24 anos	Licenciatura em Pedagogia	Professora alfabetizadora
PB	40 a 50	Feminino	+ 24 anos	Licenciatura em Pedagogia	Professora alfabetizadora
PC	40 a 50	Feminino	+ 24 anos	Magistério	Professora alfabetizadora

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Considerando o perfil dos entrevistados, as três professoras são do gênero feminino, com idade entre 40 a 50 anos, o que destaca a presença feminina na educação e em especial nas primeiras etapas de ensino e o aspecto da maturidade que sugere uma vasta experiência de vida.

Foi observado também o tempo de atuação nos primeiros anos do Ensino Fundamental das professoras, no qual ficou demonstrado, a partir das respostas apresentadas, um expressivo tempo de experiência profissional entre as docentes. De acordo com o Quadro 1, ambas têm 24 ou mais anos de profissão, ressaltando que a PC não cursou o ensino superior e sua formação básica restringiu-se ao magistério concluído em 1993, e seu tempo de atuação profissional são 25 anos.

Diante do exposto, percebe-se que as professoras possuem uma longa trajetória no exercício da profissão, um aspecto positivo para a avaliação da pesquisa. Almeida e Biajone (2007), em suas pesquisas, leva em consideração os ensaios sobre a formação profissional do autor Tardif (2001), ressaltando a temporalidade do saber, “no qual reconhece o saber dos professores como temporal, uma vez que o saber é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional” (ALMEIDA; BIAJONE, 2007, p. 285).

Quanto à formação, PA e PB possuem licenciatura em Pedagogia. Sobre a instituição de ensino superior a Professora A e B, indicam que fizeram o Ensino Superior presencial e concluíram entre 2007 a 2017.

Almeida e Biajone (2007, p. 286, apud, TARDIF, 2002), ressaltam a importância do saber da formação inicial e da prática e vivências do sujeito, respaldando que sobre as instituições de ensino superior existem,

[...] saberes da *formação profissional (das ciências da educação e da ideologia pedagógica)*, compreendido como o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores; *saberes disciplinares*, correspondentes aos diversos campos do conhecimento sob a forma de disciplina — são saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária e incorporados na prática docente

Os mesmos autores em seus estudos afirmam ainda sobre que existem os,

“*saberes experienciais*, que são aqueles saberes que brotam da experiência e são por ela validados, incorporando a experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser” (ALMEIDA; BAJIONE, 2007, p. 286, apud, TARDIF, 2002).

Sobre a formação continuada PA, fez sua pós graduação em Alfabetização e Letramento, já a PB, é especialista em psicopedagogia. Ambas possuem pós graduação em áreas relacionadas à educação, sendo que a PA fez uma formação mais direcionada para a sua atividade profissional. A esse respeito Chimentão (2009, p. 03) afirma que,

[...] a formação continuada passa a ser um dos pré requisitos básicos para a transformação do professor, pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções, proporcionado pelos programas de formação continuada, que é possível a mudança.

Posteriormente, será apresentado a análise e discussão das entrevistas realizadas com as professoras, a fim de compreender as concepções dos docentes em relação as práticas de alfabetização e letramento e o papel que a Literatura Infantil exerce nesse processo.

3.2 CONCEPÇÕES DAS DOCENTES SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO ÂMBITO DA LITERATURA INFANTIL

A alfabetização vem sofrendo modificações no que se refere ao sentido da palavra, já não cabe a ideia que alfabetização é a codificação e decodificação de sinais. Para Ferreiro (2001), a alfabetização são as práticas sociais ligadas a educação, ler e escrever não define mais o sujeito alfabetizado, Soares (2004) cita a “desinvenção da alfabetização”, pois a alfabetização agora é uma prática interligada ao letramento, tendo ambas a caracterização na instigação, criticidade e uso social.

Partindo desse pressuposto, a Literatura Infantil é um instrumento que promove imaginação, questionamento, posicionamento acerca de algumas situações, incluído o gosto pela leitura, o que fortalece a alfabetização e o letramento.

Sendo assim, Villardi (1997, p. 2, apud, SOUZA; BERNARDINO, 2011, p.236) afirma que, “porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece”.

Diante dessa importância, foi questionado às professoras o seu entendimento sobre alfabetização e letramento, tendo-se obtido como respostas:

“Acredito que a alfabetização é o processo no qual o indivíduo passa a ler e escrever, já o letramento vai além, tem pessoas que nunca foram a escola e são letradas (cita exemplo do pai que cursou poucos anos), o letramento é a visão, o conhecimento de mundo” (PA, 2019).

“Alfabetização é ensinar o aluno a ler e aprender, já o letramento (faz pausa, conversa com a pesquisadora, diz que estudou sobre o tema a alguns anos na época da faculdade) e fala, letramento já tá falando é praticar a leitura” (PB, 2019).

“Alfabetização os alunos identificam letras, números, ler pequenas palavrinhas”. Quando é perguntado mais uma vez e sobre o letramento? A Professora C se questiona “Letramento, a diferença é (pausa), ele é mais avançado que a alfabetização..., ele consegue ler outras palavras, interpreta falas e leituras de pequenos textos” (PC, 2019).

É notório a partir das falas das participantes da pesquisa a diferença nas respostas das professoras, todas demonstraram mais clareza na imagem e no conceito da alfabetização, sendo representado no seu cotidiano, quanto ao letramento ficou evidente a dificuldade de compreensão no contexto vocabular de PB e PC.

Desse modo, é perceptível a importância da qualificação para formação profissional do educador. Neste aspecto é interessante destacar que PA tem uma formação continuada na área de Alfabetização e Letramento, e analisando a sua resposta foi a que mais aproximou-se dos conceitos preestabelecidos sobre a temática, já as demais demonstram dificuldades em responder e em compreender os conceitos de letramento.

Entende-se que a cultura está muito envolvida nesse processo de alfabetizar, o ler e escrever já não é suficiente, alfabetizar hoje anda em conjunto com a prática do letramento, portanto, é uma forma de multiplicar perspectivas, entender o seu cotidiano a partir da compreensão das vivências e as modificações que podem ser feitas, é ler e escrever com significados.

Para Soares (2013) a alfabetização é um processo que não se esgota na leitura e na escrita, esse é um processo abrangente, cheio de perspectivas e significados, esse processo é considerado individual no sentido que o aspecto está voltado ao social, às peculiaridades de cada comunidade.

Segundo Goulart (2006) o letramento é entendido para além do processo escolar de leitura e escrita, são as aprendizagens associadas a cultura oral, são as leituras de mundo que os sujeitos fazem partindo da sua cultura e do processo de leitura e escrita fazendo o uso social/crítico dos mesmos na sua comunidade.

É importante destacar a discussão de Soares (2013) sobre “Letramento e Alfabetização: as muitas facetas”, na qual a autora destaca que a educação direcionada aos profissionais da alfabetização no Brasil, não tem preparado os docentes para conhecerem todas as facetas da educação. A autora deixa claro que não é só o ensino dos métodos é preciso relacioná-lo com as vivências sociais e culturais dos educandos, pois ainda se prepara muito para utilizar técnicas sem ter real conhecimento sobre as mesmas, mas pouco se fala no significado e papel da educação.

Assim, perguntou-se, se as professoras usam alguma metodologia específica no processo da alfabetização e letramento em sala de aula, qual a metodologia e porque a escolha da mesma. Diante desta pergunta, as respostas obtidas foram:

“Sim, metodologia ativa, onde buscamos os conhecimentos prévios deles, o que eles já sabem ou conhecem, gosto quando eles interagem com a aula” (PA, 2019).

“Metodologia tradicional eu gosto e a outra (explica à pesquisadora que é a que deixa o aluno interagir, e então chega a conclusão e responde) e a ativa, uma ajuda a outra, por que tem meninos no 1º e 2º ano que ainda não identificam as letras” (PB, 2019).

“Metodologia do pacto, foi uma sugestão do governo muito boa que a criança aprendeu muito bem, ouvir o aluno, (pausa), da oportunidade de expressão, se expõe melhor, a leitura deleite, eles adoram além do professor ler eles também leem, no caso do 1º ano eu leio e eles fazem releitura, o professor conta e eles recontam” (PC, 2019).

Percebe-se na fala de PA, que as metodologias mais presentes em suas aulas remetem as relações e interações do professor aluno, o ideal é prezar por estimular a criança em processo de alfabetização, o questionamento. Assim, a expressão, promove não só a alfabetização em si, mas também o letramento, o sujeito passa a ser crítico a partir de estímulos de oportunidades de fala, a aprendizagem é produtiva quando o método proporciona abertura, quando os objetivos traçados são correspondidos positivamente.

Quando o método está em pauta, Ferreiro (2001, p.30) ressalta que, “é útil se perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta este objeto no contexto escolar.” A mesma autora continua afirmando que, “há práticas que levam a pensar que ‘o que existe para se conhecer’ já foi estabelecido, como um conjunto de coisas fechado, sagrado, imutável e não-modificável”.

Ficou evidente a partir das falas das professoras que os métodos na alfabetização são pouco conhecidos, é perceptível nas afirmações e dúvidas, as relações que os professores fazem com sua prática em sala, não levando em consideração muitas vezes o que a teoria apresenta, pouco se difunde os métodos para facilitar no traçado dos objetivos específicos e para auxiliar no processo do aluno pensante e questionador.

Diante do questionamento anterior, foi indagado às professoras regentes quais os recursos metodológicos utilizados no processo de alfabetização e letramento. Conforme as respostas descritas no Quadro 2, PA, PB e PC responderam:

Quadro 02: Recursos metodológicos utilizados no processo de Alfabetização e Letramento

PA	Leitura deleite, aguçar o gosto pela leitura, Jogos, música popular, brincadeira
PB e PC:	Livros didáticos, jogos, brincadeiras, músicas, e a literatura

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Entende-se que os recursos metodológicos são auxílios que o professor encontra para subsidiar suas aulas, podendo ser a literatura infantil um instrumento para um momento de apresentação do conteúdo, ou uma forma de atrair atenção, fixação, o professor necessita sempre apresentar uma intenção ao levá-los.

No entanto, o que impressiona nas respostas são as falas apresentadas que a PB e PC acabam deixando a literatura no processo da alfabetização e letramento em última instância, já a professora PA, destacou em sua resposta a importância do uso da literatura em suas aulas, admitiu que a leitura deleite é também uma forma de aguçar a leitura ,reconhecendo também a importância dos demais recursos os quais foram citados.

A fase da alfabetização é onde a criança começa a se expressar através das leituras, falas e brincadeiras, assim ambos são de extrema importância na construção do sujeito leitor, pensante, ativo socialmente. Em sua obra, Frantz (2005, p.15) respalda que,

Não podemos esquecer também que a criança dessa faixa etária vive a fase do pensamento lúdico e a fase do pensamento mágico. Brincar, fantasiar, questionar é a forma utilizada por essa criança para conhecer e explorar a sua realidade, para construir os seus conhecimentos.

Entretanto, Frantz (2005) acredita também que a literatura Infantil tem um papel de extrema relevância nessa fase, e a mesma é ainda lúdica e instigadora, conseguindo auxiliar a criança a responder inúmeras coisas do mundo infantil.

Para Bordini (1985, apud, FRANTZ, 2005, p. 16), “[...] se o professor está comprometido com sua proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à construção dos seus objetivos”. Assim, basta o professor buscá-la como um recurso para auxiliar na formação do sujeito crítico, do sujeito que está em fase de aprendizado da leitura e escrita.

Visando o diagnóstico das professoras sobre o que as mesmas entendem por Literatura Infantil as professoras PA e PC responderam: “*A literatura infantil são os livros infantis, as histórias, contos, fábulas, PC continua afirmando que são também as histórias que eles veem em casa, que eles têm contato*”. A professora PB respondeu que: “*É o mundo da criança, o mundo infantil da criança, a criança aprende brincando, conta histórias e imagina*” (DADOS DA PESQUISA, 2019).

Percebe-se desta forma maior entrosamento acerca da Literatura Infantil como instrumento instigador, emancipatório, tendo noções básicas como o que são os livros de literatura infantil nas falas das professoras PA e PC, a professora PB demonstra não compreender o questionamento sobre a literatura Infantil, a mesma contorna a pergunta ressaltando o ser infantil, depois ela mostra ter interpretado que a questão se trata da Literatura Infantil e conclui sua fala falando sobre as histórias contadas pela própria criança.

Diante de tal importância Frantz (2005, p. 14), destaca que a “[...] Literatura Infantil, por seu caráter lúdico-mágico é o caminho natural a chave mágica que abre a porta de entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo que ela pode nos proporcionar.”

Assim, a utilização da Literatura Infantil, proporciona a entrada para o mundo da leitura e da escrita de forma lúdica, auxiliando na aprendizagem de forma prazerosa e instigadora.

Quanto ao entendimento sobre uso o uso da Literatura Infantil no processo da alfabetização e letramento da criança as professoras destacaram que:

“É importante porque estimula a leitura, aguça o gosto, onde os mesmos cobram o dia que não conto a história, a criança consegue aprender com maior facilidade” (PA, 2019).

“Ajuda muito a desenvolver a linguagem oral e escrita, novos... éé, novos nomes” (PB, 2019).

“Como um instrumento para alfabetizar e letrar, é o que agente já usa” (PC, 2019).

A fala da PA demonstra entrosamento com a prática literária, visto que a mesma visualiza a pertinência da literatura infantil como um instrumento alfabetizador, que auxilia no processo de letrar o aluno na fase da alfabetização, mostra-se engajada com a temática, já nas falas das PB e PC, observa-se menor entrosamento, o que não significa, que existe menor conhecimento sobre a área da atuação da Literatura Infantil.

Diante do exposto, Martins (1984, p.34, apud, FRANTZ, 2005, p. 48) afirma que,

A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. Trata-se antes de dialogar com o leitor e sua leitura [...]

A literatura infantil é entendida como os livros literários escritos conforme a faixa etária dos leitores infantis, a partir dessa leitura a criança passa a conhecer o mundo e o seu interno, através da imaginação e da linguagem a criança faz relações com seu meio, a literatura infantil é instigadora questionadora é a arte da leitura em códigos linguísticos, a literatura promove o gosto e interesse pela leitura, ampliando o conhecimento de mundo do leitor.

Portanto, cabe uma reflexão sobre as concepções das professoras alfabetizadoras no âmbito da Literatura Infantil como estratégia de alfabetização e letramento que será abordado na seção subsequente.

3.3 A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE NOS DOIS CONTEXTOS DA PESQUISA

A Literatura Infantil enquanto valorizada com o seu papel emancipatório, propicia uma nova visão da realidade, sendo considerada um instrumento de ruptura do ensino tradicionalista, tanto a Literatura Infantil quanto a alfabetização e o letramento, compartilham da mesma especificidade, a intenção formativa de sujeitos reflexivos, críticos, pensantes, ativos socialmente, letrados e alfabetizados.

Sendo assim, Zilberman (1994, p.26) certifica que,

Aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional, que aponta um conhecimento de mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras [...], ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura coma educação contraditória e tradicional.

Ao serem questionadas sobre a utilização e frequência do uso da Literatura Infantil em sua prática em sala de aula as professoras afirmaram que a prática da leitura é um trabalho diário, como ilustra as falas a seguir:

“Sim todos os dias, de forma deleite, onde na mesma se puder usar para iniciar um tema ou conteúdo podemos aproveitar esse momento, para o eixo da oralidade, já não tem mais livros em sala que não trabalhei, então agora peço todos os dias aos alunos para tragam livros emprestados para iniciar as aulas” (PA, 2019).

“Gosto, quando dá tempo músicas ou histórias que eles gostam” (PB, 2019).

“Sim, com frequência, as histórias, contos, parlendas, as histórias que não tem conta pelo conhecimento” (PC, 2019).

Observa-se a partir das respostas apresentadas que na sala de aula de PA, não tem livros de Literatura Infantil ou os paradidáticos que ainda não foram utilizados. Vê-se na fala de PB que a prática da Literatura Infantil em sala não é tão enfatizada, percebe-se que a mesma dá uma ênfase maior a práticas como as músicas.

Assim, PA e PC, demostram maior interesse em levar a Literatura Infantil a seus alunos, utilizando todos os dias ou com frequência como uma leitura deleite, fazendo conexões com sua aula do dia, na fala de PA ressalta que em sua sala de aula possui de livros da literatura infantil, mas que todos já foram explorados então os alunos tem a missão de levar todos os dias livros a serem descobertos.

Sabe-se que a Literatura Infantil utilizada diariamente como forma de encantamento, instigação de aguçar a curiosidade, proporciona um aprendizado

significativo e acolhedor a criança, a prática de explorar a literatura não deve ser vista como uma obrigação ou uma forma cumprir meta da escola, mais sim como um instrumento diário que auxilia na prática alfabetizadora e na formação de sujeitos ativos na sua comunidade.

Sendo assim Abramovich, (1997, p. 140) assegura que, “[...] imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler... Até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção de dever de tarefa a ser cumprida, mais sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento...”

A mesma autora continua ressaltando,

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez no ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (ABRAMOVICH, 1997, p. 143).

Sendo assim, o professor em sua prática pode fortalecer o vínculo entre a criança e o poder da imaginação, a literatura infantil, proporciona aprendizado e descobrimentos de si e do mundo ao redor, ler para a criança é aguçar o gosto pela leitura, a criança assimila melhor as suas relações e seu aprendizado em relação ao mundo letrado.

Ao realizar atividades de leitura no processo de Alfabetização e Letramento, se faz necessário à utilização de estratégias que demonstrem a preocupação com a adequação dos alunos às atividades propostas. Nesse quesito, a professora define o que é necessário para formar leitores. Sendo assim, questionou-se quais recursos metodológicos são utilizados no âmbito da Literatura Infantil no contexto da Alfabetização e Letramento. As professoras PA, PB, PC afirmaram utilizar:

“Fantoches, no ato da leitura o tom de voz, mudança da entonação, os próprios livros, dramatização de fantoches, e vários outros” (PA, 2019).

“Mais músicas, brincadeiras, (inferência da pesquisadora para ressaltar a pergunta) ahhh, historias” (PB, 2019).

“Livros lustrados, dramatização, interagindo com os alunos, fantoches, são os recursos” (PC, 2019).

Percebe-se que as professoras PA e PC, a partir das suas afirmações, possuem um repertório de recursos que auxiliam sua prática em sala de aula, no que se refere a utilização da Literatura Infantil no contexto da Alfabetização e Letramento, no entanto, a professora PB apresenta maior dificuldade ao responder o que lhe foi

questionado, verifica-se que a mesma não utiliza ou não considera a Literatura Infantil como um dos seus principais métodos de alfabetização. Tal professora, ressaltou em sua fala que seus principais recursos são os jogos e brincadeiras, compreendendo a importância da mesma, no entanto, acredita-se que pela fase que os alunos estão vivenciando, a Literatura Infantil é um dos melhores recursos a ser utilizados e praticados diariamente.

Neste sentido, os recursos metodológicos em consonância com a Literatura Infantil no âmbito da Alfabetização e Letramento podem ser a própria voz do professor, são as entonações, os fantoches, dedoches, os sons, as dramatizações, entre outros, basta o professor adequar os recursos e métodos em sua prática diária, inovando e cativando as crianças.

Assim, “é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encantamento. Que saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança” (ABRAMOVICH, 1997, p.21). É ressaltado ainda segundo Frantz, (2005, p. 15) que, “por isso necessita de uma metodologia para trabalhar a literatura com seus alunos.”

Ressalta-se ainda, segundo Frantz (2005) que o início da alfabetização é sempre um ponto de partida para o professor que é leitor incentivar seus alunos a partir do seu conhecimento do acervo de Literatura Infantil disponível, podendo, através das suas estratégias, estabelecer laços afetivos na leitura. A mesma autora compreende que também o brincar e fantasiar são de extrema importância na fase da infância, no entanto o texto literário é lúdico e para a fase da alfabetização é um dos melhores recursos.

Diante disso, cabe ao professor adequar a Literatura Infantil com os recursos e métodos que melhor se encaixam no momento da contação de cada história, sendo que os recursos devem encantar a criança, proporcionando a interação e imaginação da mesma.

Nesta perspectiva as participantes foram interrogadas a respeito da utilização da Literatura Infantil no processo da Alfabetização e Letramento e quais os critérios que utilizam para a seleção das histórias que são trabalhadas com os alunos do 1º e 2º ano do fundamental. Referente a esse questionamento ficou constatado a partir das falas de PA, PB e PC que:

“A partir da faixa etária, histórias curtas para o 1º ano, porque as mais complexas eles não conseguem se concentrar, ou chegar ao final” (PA, 2019).

“1º e 2º ano quase o mesmo nível, o 1º prepara para o 2º, usa diferente, o 2º é mais avançado e 1º atrasado, gosto de música e brincadeira” (PB, 2019).

“São livros, contos seguindo a faixa etária de 6 e 7 anos, tem que selecionar pela faixa, não pode avançar para histórias do 3º e 4º ano, tem que ser bem ilustrados que traz curiosidade e instiga os alunos” (PC, 2019).

As professoras PA e PC demonstram maior preocupação em escolher a faixa etária dos livros infantis para seus alunos, vê-se o cuidado ao fazer seu planejamento de acordo com o 1º e o 2º ano, apresentando a percepção sobre os alunos, que a depender do ano possui maior ou menor concentração, entendendo as subjetividades das crianças.

A professora PB, ressalta em sua fala, mais uma vez seu gosto pelos jogos e brincadeiras, a ela acaba fazendo uma diferenciação dos alunos em suas séries de forma comparativa, demonstra não compreender as diferenciações nos níveis de ensino a partir da idade, acreditando que os alunos deveriam ter conhecimentos similares utilizando em sua fala a palavra “avançado” para definir os alunos do 2ºano, acreditando que por não terem o mesmo seguimento os alunos do 1ºano são “atrasados”.

A utilização da Literatura Infantil deve acontecer de forma a propiciar o prazer, o interesse da criança sobre a obra proporcionada, é a forma que se lê, a frequência que se utiliza e a intencionalidade da mesma. “[...] o professor irá dialogar com seus alunos a respeito das leituras realizadas. Isso auxiliará no emergir dos diversos significados do texto, enriquecendo a leitura de todos” (FRANTZ, 2005, p. 50).

Neste sentido, o uso da Literatura Infantil em sala de aula, deve além de ser dialogado, ser apresentado de acordo com a faixa etária de cada aluno, é diferenciado também pelo nível escolar e econômico, varia de acordo com a sociedade que o indivíduo está inserido. “Os interesses de leitura das crianças [...] variam de acordo com a idade, [...], a escolaridade, o nível socioeconômico e as necessidades imediatas do leitor” (FRANTZ, 2005, p. 37).

Sendo assim a faixa etária dos cinco ou seis aos nove anos segundo Frantz (2005) seguem de acordo com o desenvolvimento do aluno, sendo que nessa faixa etária os alunos são interessados nos livros com gravuras, o tempo de concentração varia, envolvem-se com os contos de fadas, pois vivem a fase do pensamento mágico, as crianças nessa faixa etária fantasiam, questionam, fazem reflexões sobre a história e conseguem tirar suas próprias decisões.

Nesse sentido, o professor deve ter cuidado e conhecer sempre as histórias antes de levar aos alunos, o ideal é estar aberto para ouvir e discutir os fatos da literatura apresentada, necessita também pesquisar e conhecer o ideal para cada faixa etária, pois o interesse do leitor muda conforme sua faixa etária, porém o professor tem a autonomia para desenvolver atividades que instiguem o gosto pela leitura e a alfabetização e letramento com a utilização deste instrumento.

Neste propósito foi questionado às professoras sobre a sua intencionalidade ao levar a Literatura Infantil para a turma da alfabetização. As respostas denotaram que:

“Sempre trago com um proveito oralidade e explorar, no meio das falas posso aproveitar uma frase ou palavra para dá início a aula” (PA, 2019).
 “Conto para o aprendizado, o respeito ao próximo, aos mais velhos, a aprender a ler e escrever, quando o texto fala sobre escola” (PB, 2019).
 “Intenção é despertar a curiosidade pela leitura, a curiosidade em querer saber, é investigar o querer, eles as vezes falam as coisas que a gente nem acredita as vezes não tem muito material, você vê que aqui na sala não tem livros, mais agente utiliza eles próprios eles adoram, coloco eles para ler” (PC, 2019).

Tendo em vista as falas apresentadas, faz-se necessário destacar a importância da intencionalidade no momento da leitura do conto, ler por prazer não é simplesmente ler por ler, é ler para provocar o gosto, a imaginação, o aprendizado a leitura da realidade.

Assim, observou-se as particularidades nas respostas das pesquisadas, PA e PC, em sua fala demonstra que usa da curiosidade do aluno, utilizam a Literatura Infantil para aprimorar suas aulas, usufruem da investigação, demonstra olhar para o que o aluno traz consigo, as realidades dos mesmos, aproveitando em sua aula para ensinar a leitura e por conseguinte a escrita.

Enquanto que, PB, manifesta em sua fala a utilização da Literatura Infantil para uma aprendizagem sobre os valores, ou sobre a escola, acabando por não utilizar toda potencialidade da Literatura Infantil.

Para Frantz (2005, p.18) na alfabetização, a literatura infantil “não à restringe à linguagem escrita”. A mesma autora continua afirmando que, “ler é, pois, atribuir sentidos. Nesse processo não se pode desvincular a capacidade do leitor de decifrar sinais da sua capacidade se atribuir-lhes sentido”.

O professor alfabetizador deve sempre deixar explícito sua intencionalidade, entendendo que a literatura infantil no âmbito da alfabetização pode provocar diversos sentidos para a aprendizagem, sendo um instrumento auxiliador tanto no processo do

conhecimento de novas realidades, sons, quanto na aprendizagem crítica e emancipatória. A literatura infantil perpassa diversos segmentos da educação, cabe o professor planejar suas metodologias. Abramovich, (1997, p. 17) explicita,

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Portanto, o professor alfabetizador leitor, que em sua prática se orienta por uma educação emancipatória, que acredita que a educação proporciona mudanças sociais, acredita e investe no potencial da Literatura Infantil como instrumento que auxilia no processo de letramento na alfabetização, pois a mesma encanta, questiona, instiga, desafia, permite a reflexão e o encantamento pelo belo, pela leitura.

Logo, o papel do professor não somente ensinar a ler e escrever por si só, mais sim criar condições favoráveis ao aluno para construir seu próprio conhecimento, conforme suas realidades e interesses. O professor no âmbito da Literatura Infantil além de proporcionar o contato com livros e histórias, deve dialogar com o aluno, auxiliar na reflexão entre o texto e a criança, sendo de suma importância suscitar a imaginação, a curiosidade, para um aprendizado prazeroso e instigante à criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é uma das fases mais importantes na vida escolar dos alunos, é a fase das descobertas das palavras, em conjunto com o letramento a mesma proporciona o ser investigador e crítico. Para tal, tem-se como estratégia de ensino a Literatura Infantil como um ato emancipatório, pois utiliza-se do vocabulário da criança, instigando a imaginação, promovendo questionamentos e novas visões da realidade. Tal prática literária, em conjunto com a alfabetização, promove a reflexão e um ser leitor, autônomo, crítico, pensante, capaz de atuar social e politicamente.

Neste sentido, o estudo realizado, cujo título é “Prática de Letramento na Alfabetização: um olhar para a Literatura Infantil no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental em escola do São José do Itaporã, Muritiba- Ba”, teve o propósito de responder a seguinte questão: De que forma a Literatura Infantil tem sido utilizada no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola Municipal do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-BA? Tendo pois com objetivo geral: Compreender de que forma a Literatura Infantil é utilizada no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola Municipal do São José do Itaporã, Muritiba-BA.

Neste estudo ficou constatado que mesmo as docentes não tendo maiores incentivos para realização de um trabalho pedagógico direcionado para o uso da Literatura Infantil na Alfabetização e Letramento dos educandos, tendo em vista a falta de recursos pedagógicos e de incentivos governamentais ou investimentos que viabilizem uma formação continuada em que o professor desenvolva um trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, duas das três professoras pesquisadas utilizam os recursos que tinham disponíveis e assim, a literatura foi destacada nas aulas diariamente de forma instigadora a partir de leitura de deleite, no intuito de incentivar a criticidade e o gosto pela leitura e como estratégia para introduzir conteúdos do currículo escolar.

No entanto, a terceira professora demonstrou que o seu maior destaque não estava na utilização da Literatura Infantil enquanto estratégia na alfabetização e letramento. A Literatura Infantil era utilizada apenas como forma de trabalhar valores, dando ênfase nos jogos e brincadeiras em sua prática enquanto professora alfabetizadora.

Portanto, nesta pesquisa ficou evidente o quanto professoras que compreendem a prática da Literatura Infantil em suas aulas na alfabetização e letramento, compreendem o caráter indagador que a Literatura Infantil possui, entendendo a formação crítica e social que se busca na atualidade, com sujeitos pensantes, que tem a leitura como prazer e não obrigação, compreendendo seu papel de atuação na sua comunidade como ser ativo e transformador.

Este estudo pode provocar o interesse para novos encaminhamentos nesta área, mostrou a sua importância para a atuação pedagógica a partir da utilização da Literatura Infantil nas práticas alfabetizadoras, no contexto do letramento. Espera-se que esta pesquisa contribua de forma significativa para todos que se interessarem por esta temática.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Patrícia Cistina Albieri; BIAJONE, Jeffeson. **Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v 33, n.2, 2007. Disponível em: <https://qo-br.com/search?q=Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20inicial%20de%20professores:%20implica%C3%A7%C3%B5es%20e%20desafios%20para%20as%20propostas%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o&source=7e737840b5c84691a66ba928793723ef>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. **Estratégias de ensinagem**. Ed. Joinville, SC, 2007. http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1216/Capitulo_III.Lea.PDF . Acesso em: 03 de setembro de 2018.

ARAÚJO, M. P. M.; BRAVO, D. O. M.; RODRIGUES, G. A. S. A contação de história como estratégia pedagógica: contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental. Revista Científica da Faculdade Cenecista de Vila Velha, n. 12, p. 73-86, jan./jun. 2014. In: SANTHIAGO, Nayna da Silva. **CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM FOCO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO**. Vitória- ES: Caderno de produção Acadêmico- Científica.v.24 n.1. 2018. Disponível em: <http://www.publicacoes.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/20410/13660>. Acesso em: 17 de agosto de 2018.

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez, 1994. In: MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues; ROCHA, Elaine Andreia Gonçalves Moreira da. **Alfabetizar letrando: novos desafios no ensino da língua escrita**. São João Del Rei- MG: Saberes Interdisciplinares, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Desktop/TCC%20I/ARTIGOS%20ORIENTACAO%2016.08.18/ALFABETIZAR%20LETRANDO%20NOVOS%20DESAFIOS%20NO%20ENSINO%20DA%20LINGUA.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2019.

BORDINI, Maria da Glória. Literatura na escola de 1º e 2º graus: por um ensino não alienante. Florianópolis: UFSC, 1985. In: FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O Ensino da Literatura nas series iniciais**. 4.ed. ampl. Injuí:Ed Unijuí, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC- Versão Final, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_-versaofinal.pdf . Acesso em: 03 de março de 2019.

CAMPOS, Maria Machado Malta. Território 2: os encontros. In: ABRAMOWICZ, Anete. **Estudos da infância no Brasil: encontros e memórias**. São Carlos: EduFSCar, 2015, p.23-96.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. **O significado da formação continuada docente.** Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigoconoral2.pdf>. Acesso em: 27 de maio de 2019.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução: Horácio Gonzales (et.al), 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese Da Língua Escrita.** Tradução: Diana Myrian Lichtenstein. et.al. ed. comemorativa dos 20 anos de lançamento do livro. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais. Santa Maria: Revista Educação. UFSM, v. 32 - n. 01, p. 21-40, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reeducacao/article/view/658> . Acesso em: 11 de fevereiro de 2019.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O Ensino da Literatura nas series iniciais.** 4.ed. ampl. Injuí: Ed Unijuí, 2005.

GOULART, Cecília. **Letramento e modos de ser letrado:** discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. Universidade Federal Fluminense, Revista Brasileira de Educação, v. 11 n. 33, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v11n33/a06v1133.pdf> . Acesso em: 11 de fevereiro de 2018.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura? 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. In: FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O Ensino da Literatura nas series iniciais.** 4.ed. ampl. Injuí: Ed Unijuí, 2005.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues; ROCHA, Elaine Andreia Gonçalves Moreira da. **Alfabetizar letrando: novos desafios no ensino da língua escrita.** São João Del Rei- MG: Saberes Interdisciplinares, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Desktop/TCC%20I/ARTIGOS%20ORIENTACAO%2016.08.18/ALFABETIZAR%20LETRANDO%20NOVOS%20DESAFIOS%20NO%20ENSINO%20DA%20LINGUA.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.-abr./2004. In: MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues; ROCHA, Elaine Andreia Gonçalves Moreira da. **Alfabetizar letrando: novos desafios no ensino da língua escrita.** São João Del Rei- MG: Saberes Interdisciplinares, 2013. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Desktop/TCC%20/ARTIGOS%20ORIENTACAO%2016.08.18/ALFABETIZAR%20LETRANDO%20NOVOS%20DESAFIOS%20NO%20ENSINO%20DA%20LINGUA.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Minas Gerais. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002. In: ALMEIDA, Patrícia Cistina Albieri; BIAJONE, Jeffeson. **Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v 33, n.2, 2007. Disponível em: <https://qo-br.com/search?q=Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20inicial%20de%20professores:%20implica%C3%A7%C3%B5es%20e%20desafios%20para%20as%20propostas%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o&source=7e737840b5c84691a66ba928793723ef>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997. In: SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educare et Educare- Revista de Educação. 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 9.ed. São Paulo: Global, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PERFIL DOCENTE



Prezado (a) Professor (a),

O presente estudo faz parte da pesquisa de campo para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da instituição FAMAM, que tem como título: LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO: um olhar para a Literatura Infantil no 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola do distrito São José do Itaporã, Muritiba-Ba. Pesquisa realizada pela discente Mônica da Silva de Souza, tendo como orientadora a professora MSc. Simone Santana Damasceno de Carvalho.

Ressaltamos que será mantido sigilo total quanto aos participantes da pesquisa.

Agradecemos a contribuição ao passo em que solicitamos a sua autorização para a utilização das informações prestadas.

ENTREVISTA PERFIL DOS PROFESSORES

INFORMAÇÕES GERAIS

1. Sexo:

() Feminino () Masculino

2. Idade:

() 18 a 23 () 24 a 29 () 30 a 35 () 36 a 39 () 40 a 50

3. Instituição de Ensino Superior (formação inicial)

() Educação a Distância () Ensino Presencial

4. Realizou ou realiza formação continuada ou pós graduação?

() Não

() Sim.

Qual ou quais _____

5. Em que ano você concluiu a sua formação inicial?

() Ainda não conclui () Entre 2017 e 2007. () entre 2007 e 2000.

() Entre 1999 e 1990. () Antes de 1990.

6. Há quanto tempo você exerce atividade docente?

- Há menos de 1 ano. Entre 2 e 5 anos. Entre 6 e 16 anos.
 Entre 11 e 15 anos. 24 anos ou mais.

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE ALFABETIZAÇÃO,
LETRAMENTO E A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO



FACULDADE MARIA MILZA
Licenciatura em Pedagogia

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Com base nos seus conhecimentos acerca da prática de alfabetização. O que você entende por alfabetização? E por letramento?
2. Você usa alguma metodologia específica no processo da alfabetização e letramento? Qual e por que essa escolha?
3. Quais recursos metodológicos você utiliza para auxiliar no processo da alfabetização e letramento?
4. O que você entende por Literatura Infantil?
5. Você costuma utilizar a Literatura Infantil na sua prática em sala de aula? Com que frequência?
6. Como você entende o uso da Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento da criança?
7. Como você utiliza a Literatura Infantil no processo da alfabetização e letramento e quais os critérios para seleção das histórias que serão trabalhadas com os alunos do 1º e 2º ano do fundamental?
8. Quais recursos metodológicos são utilizados no âmbito da Literatura Infantil no contexto da alfabetização e letramento?
9. Ao levar a Literatura Infantil para a turma da alfabetização qual sua intencionalidade?